



## **Apontamentos sobre repercussões socioeconômicas do Projeto Floresta Viva na Reserva Ecológica de Sapiranga – BA**

**Resumo:** Na Estado da Bahia, o turismo tem se revelado uma alternativa atraente para o desenvolvimento econômico, na região da Praia do Forte – Município de Mata de São João que desponta na preferência dos turistas que desembarcam em Salvador, capital do Estado. A Reserva Ecológica de Sapiranga, administrada pela Fundação Garcia D'Ávila, é uma área de proteção ambiental de 600 hectares de mata atlântica onde vivem 150 pessoas. Em 2011 a fundação cria o projeto Floresta Viva cujo objetivo era gerir o espaço de preservação de fauna e flora e apoiar atividades que promovam a geração de renda, em especial o turismo. O propósito da presente pesquisa é efetuar um estudo das repercussões das ações socioeconômicas realizadas pelo Projeto Floresta Viva na comunidade local. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa e documental, recorrendo-se, para tal, a visitas de campo, entrevistas com os funcionários e moradores da reserva, bem como seus administradores (durante o mês de novembro de 2017), também foram consultados, artigos, dissertações, teses, entre outros. Os resultados obtidos por esta pesquisa revelam que atualmente a reserva apresenta as seguintes externalidades: falta de geração de renda, continuidade de projetos culturais, especulação imobiliária e ocupação urbana desordenada.

**Palavras-chave:** Turismo; ações socioeconômicas; reserva.

**Abstract:** In Bahia State, tourism has turned out to be an attractive alternative for economic development in the region of Praia do Forte - Municipality of Mata de São João, which emerges in the preference of tourists who land in Salvador, the state capital. The Reserva Ecológica Sapiranga managed by the Garcia D'Avila Foundation, is an environmental protection area of 600 hectares of Atlantic forest where 150 people lives. In 2011 the foundation creates the Projeto Floresta Viva whose objective was to manage the space for the preservation of fauna and flora and support activities that promote income generation, especially tourism. The purpose of this research is to study the repercussions of socioeconomic actions carried out by Projeto Floresta Viva in the local community. This is an exploratory, qualitative and documentary research, using field visits, interviews with the employees and residents of the reserve, as well as their administrators (during the month of November 2017), were also consulted, articles, dissertations, theses, among others. The results obtained by this research reveal that currently the reserve presents the following externalities: lack of income generation, continuity of cultural projects, real estate speculation and disordered urban occupation.

**Key-words:** Tourism; social actions; reservation.

## **INTRODUÇÃO**

O município de Mata do São João é um dos principais destinos turísticos da Bahia, ficando apenas a 70 km da capital Salvador no litoral norte possui um dos maiores parques hoteleiros do Estado na região conhecida como Praia do Forte.



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

O complexo turístico da Praia do Forte começou se desenvolver nos anos 1970 quando, vislumbrando o potencial turístico, o empresário Klaus Peters comprou a área com 14 km de praias e construiu, na década de 1980 um dos primeiros resorts do país. Também criou a Fundação Garcia d'Avila, que tinha como objetivo planejar e gerenciar o desenvolvimento da localidade, incluindo a exploração imobiliária, turística, criação de áreas de proteção ambiental, projetos ambientais, etc. (ALBAN, 2006).

A Reserva Ecológica de Sapiroanga foi criada também início da década de 1980 pela Fundação Garcia d'Avila com a finalidade de ser um espaço para o desenvolvimento de atividades voltadas para educação ambiental e turismo. A área cobre cerca de 600 hectares de mata atlântica, abriga uma diversidade de espécies animais e vegetais que fazem parte do bioma da região baiana.

Em 2011 a fundação criou o Projeto Floresta Viva para administrar e gerenciar os recursos obtidos através do Projeto Petrobrás Socioambiental, que possuíam ampliaram as ações de educação ambiental e desenvolvimento da atividade turística na Reserva Sapiroanga.

Atualmente, o projeto não tem mais continuidade devido a retirada dos recursos financeiros da Petrobrás, deixando uma brecha tanto no atendimento e serviços turísticos quanto ações socioambientais que eram implantadas na comunidade residente na Reserva Sapiroanga.

Assim, o propósito do presente trabalho é efetuar um estudo das repercussões socioeconômicas das ações realizadas pela Projeto Floresta Viva no que tange o desenvolvimento do turismo junto à comunidade da Reserva Ecológica Sapiroanga.

Empregou-se metodologia de natureza básica, a qual segundo Gil (2010) seriam as pesquisas que através da reunião de estudos objetivam o preenchimento e a ampliação de conhecimentos de um indivíduo ou sociedade a respeito de um assunto específico. Foram aplicadas técnicas bibliográficas para a fundamentação teórica do artigo, visto que para toda e qualquer pesquisa realizada existe a necessidade de embasamentos a partir de contribuições de pesquisas anteriores, como afirma Severino (2007). Técnica de natureza documental, para que o leitor possa se situar com relação aos requisitos da legislação ambiental brasileira exigidos para a classificação da localidade de Sapiroanga como uma unidade ecológica destinada a



conservação das espécies. Para a compreensão da dinâmica trabalhada e uma maior aproximação da realidade descrita no artigo, foi realizada pesquisa de campo durante o mês de novembro de 2017, nessa oportunidade foram entrevistados alguns monitores e voluntários do projeto de educação ambiental e condução turística além de entrevista não estruturada com um dos coordenadores do projeto da Fundação Garcia D'Ávila (responsável pela coordenação da Reserva Sapiranga).

## **CARACTERIZAÇÃO DA RESERVA ECOLÓGICA DE SAPIRANGA**

A 60 km de Salvador, capital do Estado da Bahia, localiza-se no município de Mata de São João a Reserva Ecológica de Sapiranga. Com cerca 600 hectares de Mata Atlântica secundária, caracteriza-se por ser uma área de preservação das espécies silvestres da fauna e flora da região, e de recuperação florestal de cerca de 90 hectares que foram prejudicados pela forte prática monocultura de plantio de coco na década de 70.

Abrange os municípios que vão desde o Rio Pojuca (município de Mata de São João) até o Rio Real (divisa com o estado de Sergipe) (RODRIGUES, 2014). É ainda refúgio de uma diversa gama de espécies silvestres da fauna e flora que se encontram ameaçadas de extinção, tais como o Pau Brasil, o Jacarandá da Bahia, o Mico Leão Dourado, o Bicho-Preguiça-de-Coleira, dentre outros.

A Reserva de Sapiranga leva este nome devido à coloração vermelha das águas do rio, que leva o mesmo nome, cujo significado no idioma dos povos tupi-guarani que ocupavam a região é “olho vermelho” (Sa = Olho; Piranga = Vermelho).

Parte da sesmaria de Garcia D'Ávila, a reserva está hoje inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) do Litoral Norte do Estado da Bahia segundo determinação do decreto estadual de número 1.046, de 17 de março de 1992. Está contida dentro de uma área de 142 km de extensão que liga através do Rio Pojuca, os municípios de Mata de São João e Camaçari, localizados dentro do estado da Bahia. E ainda, através do Rio Real, que também corta a região, o estado de Sergipe.



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

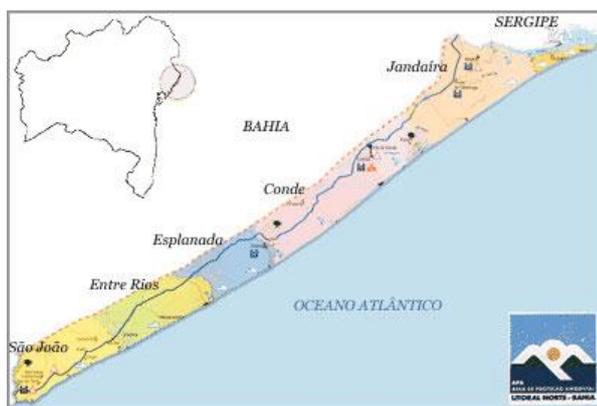


Figura 1: Mapa de registro da área de extensão da APA Litoral Norte da Bahia  
Fonte: Adriano Paiva (Fundação Garcia D'Ávila)

A reserva é banhada por três rios: o Rio Pojuca, o Rio Terebu (fz do Rio Sapiranga), e o Rio Sapiranga. Este último possui nascente na reserva, se encontra com o Rio Terebu, que deságua no Rio Pojuca, que passa pela praia de Itacimirim (município de Camaçari), e deságua posteriormente no Oceano Atlântico.

## PROJETO FLORESTA SUSTENTÁVEL

A reserva Sapiranga foi criada em Como é o caso do Projeto Floresta Sustentável, administrado pela Fundação Garcia D'Ávila na Reserva Ecológica Sapiranga, município de Mata de São João – Bahia.

O projeto Floresta sustentável tem como objetivo executado em dois anos, foi restaurar áreas degradadas de Mata Atlântica, em trecho de Área de Preservação Permanente do Rio Pojuca, conservar o ambiente da reserva da Sapiranga, promover a educação ambiental e fomentar atividades de geração de renda compatíveis com a conservação ambiental, como o turismo.

Fundado no ano de 2011, o Projeto Floresta Sustentável surge a partir do Projeto Petrobrás Socioambiental que é um programa criado pela Petrobrás (empresa brasileira de petróleo e gás) cujo objetivo é “atua em temas socioambientais relevantes para a Petrobrás e para o país, articulando iniciativas que contribuem para criar soluções e oferecer alternativas com potencial transformador e em sinergia com políticas públicas.” (PETROBRAS, 2014)

A partir do Projeto Petrobrás Socioambiental outras iniciativas foram sendo realizadas no sentido de contribuir com as questões de sustentabilidade social e



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

preservação do meio ambiente dentro do território brasileiro. Dentre as iniciativas criadas está o Programa Petrobrás Ambiental, que tem como principal objetivo a elaboração de projetos e políticas destinadas às questões voltadas a sustentabilidade ambiental. Entre os anos de 2003 a 2012 o programa realizou cinco seleções públicas para escolha de projetos em todo o território nacional que tivessem como missão o planejamento e execução de soluções alternativas para os potenciais problemas ambientais. (PETROBRAS, 2014)

Os vencedores da seleção ocorrida em 2010 na Bahia foram a Fundação Garcia D'Ávila, instituição sob a qual está a administração da Reserva de Sapiranga, com o Projeto Floresta Sustentável, e o Grupo de Ambientalistas Nascentes – GANA (localizado no município de Santo Antônio de Jesus), com o projeto de gestão dos recursos hídricos em pequenas propriedades rurais (Projeto Brotar Nascentes). O Projeto desenvolvido pela Fundação Garcia D'Ávila teve como linha de atuação o reflorestamento e preservação das áreas degradadas de Mata Atlântica no trecho de APP (Área de Preservação Permanente) do Rio Pojuca, visando a formação de um corredor ecológico que conectasse a reserva de Sapiranga a região de proteção ambiental da comunidade de Camurujipe.

Inaugurado oficialmente em 1º de outubro de 2011, o projeto conta com infraestrutura dentro da reserva de duas unidades de produção. A primeira é um módulo de atividades onde se encontra uma biblioteca educativa com livros e algumas espécies de animais silvestres empalhados, além de um espaço para exibição de vídeos. Uma loja para venda de artesanatos, sala de aula para o desenvolvimento de cursos voltados para a população nativa na área de educação e preservação ambiental, de treinamentos técnicos para a formação de profissionais para trabalharem com o turismo ecológico dentro da reserva, Além de sanitários adaptados para atender portadores de necessidades especiais.

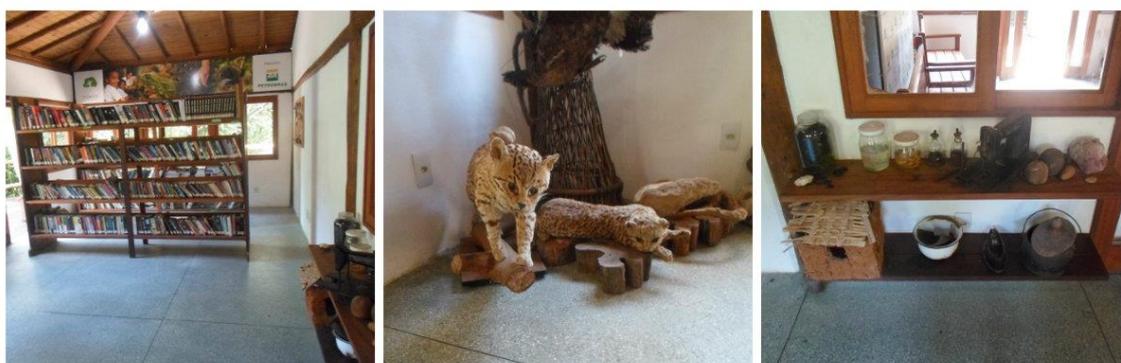
Sua estrutura foi toda construída com madeira de Eucalipto, e abriga ainda um espaço externo destinado a recreação, com brinquedos para as crianças.



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu



Fotografia 4 – Loja de Artesanatos  
Fonte: Reprodução do Autor



Fotografia 5 – Biblioteca  
Fonte: Reprodução do Autor

A segunda unidade de atividades dentro da reserva é o espaço Viveiro das Mudanças, onde são plantadas mudas de cerca de 50 espécies da flora nativa da Mata Atlântica, com a finalidade de promover o reflorestamento local. O viveiro foi construído em uma área de 600m<sup>2</sup>, possui um sistema de irrigação dividido em quatro setores que geram uma produção trimestral de 100 mil mudas. Para a produção das espécies são utilizados Tubetes, recipientes em formato de cones, que geralmente são utilizados devido a vantagem de proporcionarem o crescimento rápido das plantas, e por garantirem um padrão de qualidade superior em relação aos demais recipientes disponíveis no mercado para esta atividade. Os voluntários envolvidos nos trabalhos dentro do Viveiro das Mudanças são os próprios moradores da comunidade, que receberam cursos na área agroflorestal para a produção de mudas de vegetais nativos.



Fotografia 6 – Voluntário do Projeto  
Fonte: Reprodução do Autor



Fotografia 7 – Viveiro das Mudas  
Fonte: Reprodução do Autor

No total foram investidos pela Petrobrás cerca de 2,5 milhões de reais para a implantação de todo o projeto Floresta Sustentável. (CORREIO, 2011)

## **ASPECTOS NATURAIS E TURÍSTICOS DA RESERVA DE SAPIRANGA**

Com uma vegetação de restinga e solo arenoso, a reserva abriga em sua mata espécies como o Cipó Tingí, a Canela de Velho, o Cajueiro Brabo, a Gameleira, o Ipê Amarelo, o Pau Brasil, dentre outros que fazem parte da rica flora nativa, e que compõem o cenário das sete trilhas estabelecidas na reserva, e destinadas ao turismo e visitação. Nesse sentido, e levando em consideração as características próprias de uma unidade de conservação a qual se encaixa a Reserva de Sapiranga, Brito (2014) afirma que

Dentre as atividades permitidas [...] pode-se mencionar a “visitação contemplativa, pesquisa científica e trilhas ecológicas controladas”, ficando “proibidas as atividade antrópicas, que importem em alterações da fauna e da flora, ou dos atributos que lhe conferem especificidade” (BRITO, 2014, p. 8 apud BAHIA, 1993, p. 137)

As trilhas podem ser percorridas a pé ou de quadriciclo, sempre com o acompanhamento de um instrutor da reserva, ou no caso dos grupos de turistas a passeio, e mediante a autorização da reserva, com o acompanhamento de guias de agências turismos.

Com 30 metros de extensão, a Trilha da Gameleira é uma das mais famosas e mais praticadas dentro da reserva. Ela leve este nome devido a uma grande árvore



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

de Gameleira que se ostenta no início do seu trajeto. Podendo ocupar o espaço de outras espécies de menor porte, a gameleira é uma árvore de grande resistência, além de ser considerada sagrada na cultura afro-brasileira.



Fotografia 1: Trilha da Gameleira  
Fonte: Registro do Autor



Fotografia 2: Gameleira  
Fonte: Registro do Autor

Com 6 km de extensão a trilha conhecida como Trilha das Corredeiras ou Trilha da Tapagem, é considerada um roteiro de trilha cultural onde é possível conhecer e vê o processo de produção da farinha artesanal nas casas de farinha pertencentes as famílias da comunidade da reserva, cuja prática é um legado cultural repassado pelos antecessores quilombolas que viveram na região. É uma trilha que dá acesso ao Rio Pojuca, no qual ocorria a pesca e captura de camarões, e onde hoje é costume a prática do banho por parte de turistas e visitantes.

Em continuação a trilha das corredeiras, compreendendo toda sua extensão, e adicionados mais 2 km de trajeto (totalizando 8 km de extensão), temos a trilha das Sete Pontes, que leva este nome por conter ao longo do seu percurso exatamente sete pontes de madeira. É uma trilha de contemplação da mata nativa, e de trechos de corredeiras do Rio Pojuca.

A Trilha das Bromélias com um trajeto de 1,5 km caracteriza-se por estar em uma região utilizada para a soltura de espécies pelo ICMBio (Instituto de Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) além de ser uma das mais ricas em fauna e flora.

Dentre as trilhas que levam o turista ao encontro dos rios que cortam a região estão as Trilhas da Bica da Saporanga e a da Gamboa. A primeira, com cerca de 150



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

metros, leva o visitante ao encontro do Rio Sapiranga, que possui uma área de bicas com água potáveis, muito aproveitadas também para consumo dos moradores da comunidade da região da reserva. A segunda com 1 km de extensão leva o turista e o visitante a um local conhecido como gamboa do rio Pojuca, onde é possível aproveitar com tranquilidade um banho as margens do rio Pojuca, além de ser uma trilha que dá acesso ao Rio Terebu e a região de manguezal.

A mais longa de todas as trilhas, com 10 km de extensão e tempo de duração de seis horas, e cujo percurso perpassa todas as outras trilhas da reserva, é a Trilha Longa. Uma trilha ideal para os que desejam estar em contato com a natureza por um tempo maior.

E por fim, com 1200 metros de extensão a Trilha da Rolinha, que é na verdade uma homenagem a uma das mais antigas moradoras de Sapiranga já falecida, a rezadeira da comunidade, Dona Rola. É uma trilha que dá acesso rápido ao rio Pojuca, além de ser a mais ideal para os que desejam flagrar um bicho-preguiça devido a sua localização abrigar o ingá e a embaúba, suas principais fontes de alimentação.

## **BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS AÇÕES DO PROJETO FLORESTA VIVA**

A Reserva de Sapiranga é o lar de 150 pessoas que se dividem em “cerca de quatro membros por casa” (MARTINEZ; MODESTO, 2013). São no geral decentes de indígenas ou de africanos que viveram e trabalharam na fazenda dos Garcia D’Ávila, e permanecem até hoje no local como forma de preservação da cultura e território deixado por seus familiares. São famílias com pouca instrução formal cuja moradia são as pequenas e simples construções feitas com bloco e cimento que se encontram agrupadas como uma pequena vila nas proximidades da entrada da reserva.

A comunidade da reserva costuma utilizar da água dos rios para consumo, e da agricultura para a retirada dos seus alimentos. A pesca e a caça, formas de se obter carne, já não são mais realizadas. A pesca de peixes e principalmente de camarão, que eram bastante populares, passaram a ser proibida devido aos métodos irregulares (pesca com bomba) e prejudiciais que estavam sendo empregados por visitantes e por alguns dos próprios nativos da região. E devido às questões ambientais de preservação das espécies animais, a caça de pacas e cutias, que eram uma tradição



## Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

que fazia parte do legado cultural das famílias de descendência indígena, já não mais acontece.

Após a introdução do turismo na reserva, muitas famílias passaram a realizar trabalhos artesanais como meio de complemento da renda, assim como começaram a vender alguns produtos extraídos da atividade agrícola, que deixa de se configurar como uma atividade voltada exclusivamente para subsistência para ser comercial. “A população de Sapiroanga usufrui da natureza local [...], especialmente as espécies vegetais, sejam elas nativas ou introduzidas [...]” (MARTINEZ, MODESTO, 2013). Através do que é oferecido pela natureza “[...] seus habitantes realizam atividades geradoras de renda, como o artesanato, a venda de mudas e de gêneros alimentícios.” (MARTINEZ; MODESTO, 2013)

É interessante observar que a produção dos artesanatos segue de certa forma uma linhagem de preservação da memória histórica da região, já que utiliza como material para confecção das pulseiras, anéis e brincos que são de coco que foi um dos principais produtos comercializados no período de existência da fazenda da família D’Ávila.

Neste período, em termos produtivos, além da atividade pecuária, observa-se, na região, após a decadência da cana, a ampliação do cultivo do coco da baía no litoral, coexistindo com a agricultura de subsistência, levada a cabo por pequenos produtores e posseiros, a pesca nas vilas de pescadores e, a posterior, chegada da citricultura cultivada na área de tabuleiros. (BRITO, 2014, p. 4)

Os artesanatos não recebem tratamento químico, e além de serem feitos com o coco costumam ser feitos também com partes do chifre do boi.



Fotografia 3: Artesanatos produzidos na Reserva de Sapiroanga.

Fonte: Registro do Autor



É importante que seja considerado que após a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) do Litoral Norte, e do Plano de Manejo que delimitou as áreas em zoneamentos estratégicos, as famílias que ocupavam a região necessitaram adaptar suas práticas cotidianas devida a sua implantação de restrições.

O apoio proporcionado através dos investimentos feitos pelo programa socioambiental desenvolvido pela Petrobrás ao projeto Floresta Sustentável teve durabilidade de apenas um ano. Encerrado este tempo a reserva não voltou a receber qualquer tipo de incentivo por parte de outras empresas públicas ou privadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atualmente a reserva encontra-se com poucas das suas atividades em estado de funcionamento regular. Apenas as atividades de reflorestamento proporcionadas a partir do trabalho realizado pelo Viveiro das Mudanças ainda está em funcionamento, mantido através do trabalho voluntário dos moradores.

A retirada dos investimentos trouxe impactos negativos também para o turismo na reserva (e para a economia local), que funcionava em conjunto com os projetos ambientais desenvolvidos, contribuindo no sentido de captar público para visitação.

Alguns equipamentos foram desativados como a tirolesa, canoagem, quadriciclo, restaurantes e quiosques de propriedade dos moradores locais, devido a queda no número de público recebido. De acordo com os moradores a reserva chegava a receber em 2015 cerca de 15 mil turistas por ano e atualmente recebem cerca de 3 mil concentrados nos meses de dezembro a fevereiro.

Com a falta de obtenção de recursos muitas das famílias que fazem parte da comunidade de Sapiiranga ficaram em situação econômica delicada, já que é basicamente a partir do turismo que elas retiravam a renda da qual sobrevivem. Este fato deu margem ao surgimento de uma nova problemática, as segundas residências. Grupos oriundos de outros estados adquirem terrenos próximos a comunidade, passando a ocupar locais de importância cultural e ambiental que possuindo pouco ou nenhum contato com comunidade.



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

Verifica-se que com o Projeto Floresta Viva em atividade a comunidade foi beneficiada, não apenas com construções e proteção ambiental, mas com atividades que cooperaram com o desenvolvimento econômico e cultural local. No entanto, com a finitude dos recursos a comunidade sofreu fortemente chegando quase a encerrar todas as ações, deixando os locais obsoletos, sem uso.

A continuidade das ações necessitam portanto, de atenção do Estado, assim como da sociedade civil organizada, para que os impactos não se estendam a longo prazo gerando novos problemas que podem afetar diretamente o meio ambiente natural, além do já afetado socioeconômico.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, L. Turismo e segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 7, p. 110, set/out 2003. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/11\\_12\\_13\\_8\\_turismo.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/11_12_13_8_turismo.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BRASIL. *Ministério do Meio Ambiente*. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. 2011. 9 p. Disponível em: <[file:///C:/Users/amand/Downloads/livro\\_snuc\\_pnap.pdf](file:///C:/Users/amand/Downloads/livro_snuc_pnap.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BRITO, F. O *Turismo, os empreendimentos imobiliários e os impactos socioambientais nas comunidades do litoral norte baiano*. In: SEMINÁRIO RURALIDADES E MEIO AMBIENTE, 3., 2014, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo, 2014. 2 -4 p. 5 - 8 p. Disponível em: <[http://www.redesurais.org.br/wp-content/uploads/2016/10/24\\_1.pdf](http://www.redesurais.org.br/wp-content/uploads/2016/10/24_1.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

CARVALHO, I de; PEREIRA, G (Org). *Metropolização e turismo no litoral norte de Salvador: de um deserto a um território de enclaves?*. **Como anda Salvador e sua região metropolitana**, 2 ed, Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/36d>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

FRANCISCO, L. Projeto preserva reserva e estimula economia em Mata de São João. **Correio**, Salvador, 11 set. 2011. Disponível em:<<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/projeto-preserva-reserva-e-estimula-economia-de-mata-de-sao-joao/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

GIL, A.C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo. 5.ed. 2010.

MANETTA, B. et al. Unidades de Conservação. **Engenharias NLINE**. Minas Gerais, v. 1, n.2, p. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/eol/article/view/2959>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

MARTINEZ, E; MODESTO, L. Sapiranga: um santuário científico. **Ciência e Cultura - Agência de Notícias em CT&I da Bahia**. Salvador. 8 maio 2013. Disponível em: <



# Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/sapiranga-um-santuاريو-cientifico/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

MELLO, U. A. de. *A restauração da Casa da Torre*. In: Casa da Torre de Garcia D'Ávila. HOLANDA, G. de. A. Rio de Janeiro: Livros & Livros, p. 60, 2012.

PETROBRAS. *Programa Petrobras Socioambiental*. 2014. Disponível em:<<http://sites.petrobras.com.br/socioambiental/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

PRODANOV, C; FREITAS, E. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Científico*. 2. Ed. Rio Grande do Sul: Feevale, p. 52, 2013.

RODRIGUES, E. *Avaliação do Impacto Ambiental na implantação do Sistema de Isolado e Aéreo de Distribuição de Energia Elétrica na Reserva de Sapiranga em Mata de São João, BA. Paraná, 2014*. Disponível em:<[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4620/1/MD\\_GAMUNI\\_2014\\_2\\_82.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4620/1/MD_GAMUNI_2014_2_82.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SEVERINO, A. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.